



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO
(PPGE)

REGIANE FERREIRA MARTINS HARICH

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA**

São Paulo
2021



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO
(PPGE)

REGIANE FERREIRA MARTINS HARICH

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E AS SUAS: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação na Linha de Pesquisa Educação Popular e Culturas (LIPECULT).

Orientador: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva.

São Paulo
2021

Harich, Regiane Ferreira Martins.

A arte de contar histórias análise de uma proposta pedagógica. /
Regiane Ferreira Martins Harich. 2021.

61f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho -
UNINOVE, São Paulo, 2021.

Orientador (a): Prof. Dr. Maurício Pedro Silva.

1. Contação de histórias. 2. Educação infantil. 3. Trabalho
coletivo.

I. Silva, Maurício Pedro. II. Título.

CDU 37

REGIANE FERREIRA MARTINS HARICH

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E AS SUAS: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação na Linha de Pesquisa Educação Popular e Culturas (LIPECULT), pela Banca Examinadora formada por:

São Paulo, 13 de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva – Orientador

Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE)

Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva (USCS)

Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE) – Suplente

Profa. Dra. Diana Navas (PUC-SP) – Suplente

São Paulo
2021

E se as histórias para as crianças passassem a ser
de leitura obrigatória para os adultos?
Seriam eles capazes de aprender realmente
o que tanto tempo têm andado a ensinar?

José Saramago

DEDICO esta pesquisa ao meu marido Alexandre, aos meus filhos Alexandre (Alê) e Guilherme (Gui) e à Meg, por estarem sempre presentes, aceitando minha ausência nos momentos de estudo e sempre ao meu lado apoiando e acreditando no meu potencial.

Alexandre, Alê, Gui e Meg, querida família Harich. Vocês são à minha base!

Vocês são à razão do meu viver!

DEDICO à minha mãe Áurea (*in memoriam*) e à minha sogra Marion (*in memoriam*), que permitiram nossos vínculos e apesar de terem partido tão cedo, sei que ficariam felizes por mim e, de certa forma, permanecem presentes na nossa história.

DEDICO aos meus parentes, amigos e amigas que compreenderam a necessidade de diminuirmos os nossos encontros.

A minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por guiar os meus passos, pois tudo o que faço e o que recebo é fruto de Sua permissão.

Em seguida, agradeço a Universidade Nove de Julho (UNINOVE), pois, por meio do programa de bolsas oferece oportunidades de qualificação para muitas pessoas realizarem o sonho do aperfeiçoamento educacional e cultural. E a CAPES por investir em Educação.

Fica aqui registrado o meu agradecimento especial ao meu orientador professor doutor Maurício Pedro Silva, sempre muito atencioso ao dividir com os educandos os seus saberes, permitindo um aprendizado acadêmico e crescimento pessoal. Admiro-o por sua qualificação e dedicação.

Agradeço também à professora doutora Ana Haddad, por ser tão próxima de nós e partilhar o seu conhecimento de uma forma tão especial.

Às caríssimas professoras doutoras Márcia Fusaro e professora doutora Marta Regina Paulo da Silva que se dispuseram a participar desta banca e contribuíram ricamente com a minha pesquisa, fica aqui a minha eterna gratidão.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação, pelos conhecimentos compartilhados que contribuíram significativamente para o meu aprendizado.

Aos profissionais da secretaria que sempre estiveram prontos para nos orientar, em especial, à Cristiane – sempre com um sorriso e pronta para nos ajudar. Aos funcionários da biblioteca e aos funcionários do estúdio de gravação.

Não posso deixar de agradecer as crianças, os adolescentes e os adultos que participaram da minha história profissional, nos momentos de convivência, partilha e aprendizagem: - Vocês fazem parte da minha vida!

Um carinho especial para a Luciana Nomoto, Priscila Caetano Miranda e a Simone Saltão: - Vocês fazem diferença na minha vida!

À Secretaria de Educação de Santo André por oportunizar momentos de formação acadêmica. O meu agradecimento é direcionado a todos, pois eu seria injusta em citar alguns nomes e deixar outros de fora. A nossa REDE é única!

Ao professor Osmar Junqueira Lima pela amizade, pela partilha de conhecimento e companheirismo profissional.

Aos amigos do Centro de Formação de Professores *Clarice Lispector*, fica aqui registrado o meu carinho e o meu agradecimento.

Aos companheiros e educandos da Cidade El Shadai por estarmos sempre juntos.

Às amigas que adquiri neste processo de aprendizagem, Nayane, Risonete e Vanessa: -
Vocês fizeram a diferença neste percurso!

E não posso deixar de citar a Silvana Gondim (...) quando pensei em desistir, ela, com sábias palavras, fez a diferença.

Enfim, meu agradecimento a todos que participaram deste caminhar e que colaboraram para a realização deste trabalho.

Celebrem comigo as alegrias desta conquista!

Ao meu Orientador Maurício Pedro Silva, com carinho:

Mestre...

... é o que trilha o percurso,
proporcionando confiança, despertando o conhecimento.

Mestre é o que estende a mão,
proporciona momentos de reflexões através do diálogo
e encaminha para a trilha das descobertas.

Não é só quem ensina as regras, as leituras, o raciocínio,

Mas, o que questiona e direciona para o caminho.

Fazendo germinar o conhecimento no seu discípulo.

O seu conhecimento enriqueceu a minha vida.

Serei sempre grata!!!!

Regiane Harich

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades
para a sua própria construção.*

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo geral investigar se as contações de histórias contribuem para o processo de aprendizagem dos educandos da Educação Infantil, no município de Santo André/SP. Os objetivos específicos são: i) identificar quais os sentidos construídos, pelos professores, nos espaços pedagógicos às contações de histórias; ii) analisar como os professores desenvolveram o processo de contação de histórias; iii) investigar os elementos necessários para o momento da contação de histórias; iv) observar e ouvir os educandos e as professoras antes e após os momentos de contação de histórias. A pergunta que orientou este trabalho foi: em que medida a contação de histórias contribui para despertar o interesse pelo ouvir as histórias? Partimos da hipótese de que outras formas de linguagem também propiciam aprendizado, fomentando práticas capazes de estabelecer uma maior conexão com o objeto de ensino levando os professores a refletirem a respeito de suas ações pertinentes a sua faixa etária. O universo da pesquisa foi uma escola da rede pública de ensino, localizada no ABC Paulista, no município de Santo André (SP). Os sujeitos foram duas educadoras que atuam com as turmas de quatro e cinco anos respectivamente e os educandos. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, o instrumento de coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas e observação. O referencial teórico pautou-se nos trabalhos de pesquisadores da infância e da contação de histórias dentre eles: Maria Cristina Rizolli e Walter Benjamin. Os resultados mostraram que o ato de contar histórias marcou o percurso pedagógico dos professores e dos educandos que reconhecem a importância de projetar essas ações em outras situações. A partir disso, foi proposto encontros recorrentes de ações pedagógicas.

Palavras-chave: Contação de Histórias, Educação Infantil, Literatura.

ABSTRACT

The present research had the general objective of investigating whether storytelling contributes to the learning process of Early Childhood students, in the city of Santo André / SP. The specific objectives are: i) to identify the meanings constructed, by the teachers, in the pedagogical spaces to the storytelling; ii) analyze how teachers developed the storytelling process; iii) investigate the elements necessary for the moment of storytelling; iv) observe and listen to students and teachers before and after moments of storytelling. The question that guided this work was: to what extent does storytelling contribute to arouse interest in listening to stories? We start from the hypothesis that other forms of language also provide learning, promoting practices capable of establishing a greater connection with the teaching object, leading teachers to reflect on their actions relevant to their age group. The research universe was a public school, located in ABC Paulista, in the city of Santo André (SP). The subjects were two educators who work with the groups of 4 and 5 years respectively and the students. The methodology used was of a qualitative nature, the data collection instrument occurred through semi-structured interviews and observation. The theoretical framework was based on the work of researchers from childhood and storytelling, among them: Maria Cristina Rizzoli and Walter Benjamin. The results showed that the act of storytelling marked the pedagogical path of teachers and students who recognize the importance of projecting these actions in other situations. Based on that, recurring meetings of pedagogical actions were proposed.

Keywords: Storytelling, Early Childhood Education, Literature.

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo general indagar si la narración contribuye al proceso de aprendizaje de los estudiantes de Educación Infantil, en la ciudad de Santo André / SP. Los objetivos específicos son: i) identificar los significados construidos, por los docentes, en los espacios pedagógicos para la narración; ii) analizar cómo los profesores desarrollaron el proceso de contar historias; iii) investigar los elementos necesarios para el momento de la narración; iv) observar y escuchar a los estudiantes y profesores antes y después de los momentos de la narración. La pregunta que orientó este trabajo fue: ¿en qué medida la narración contribuye a despertar el interés por escuchar historias? Partimos de la hipótesis de que otras formas de lenguaje también brindan aprendizaje, promoviendo prácticas capaces de establecer una mayor conexión con el objeto de enseñanza, llevando a los docentes a reflexionar sobre sus acciones relevantes para su grupo de edad. El universo de investigación fue una escuela pública, ubicada en ABC Paulista, en el municipio de Santo André (SP). Los sujetos fueron dos educadores que trabajan con grupos de 4 y 5 años respectivamente y estudiantes. La metodología utilizada fue de carácter cualitativo, el instrumento de recolección de datos ocurrió a través de entrevistas semiestructuradas y observación. El marco teórico se basó en el trabajo de investigadores desde la infancia y la narración, entre ellos: Maria Cristina Rizolli y Walter Benjamin. Los resultados mostraron que el acto de contar historias marcó el camino pedagógico de docentes y estudiantes que reconocen la importancia de proyectar estas acciones en otras situaciones. En base a eso, se propusieron encuentros recurrentes de acciones pedagógicas.

Palabras clave: Cuentacuentos, Educación Infantil, Literatura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O livro e a contação de histórias	51
Figura 2 – Momento convivência.....	52
Figura 3 – Aconchego	53

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAEM	Centro de Atendimento Multidisciplinar
CE	Conselho de Escola
CEPEC	Centro de Estudos Pedagógicos Educacionais Curriculares
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
DUE	Diretora de Unidade Escolar
SE	Secretaria de Educação
ORG	Organizadores
PMSA	Prefeitura Municipal de Santo André
PPGE	Programa de Mestrado em Educação
SA	Santo André
SP	São Paulo
UE	Unidade Escolar
UNINOVE	Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1 INTRODUÇÃO	20
2 A TRADIÇÃO ORAL E O CONTADOR DE HISTÓRIAS	23
3 O CONTADOR DE HISTÓRIAS	27
4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PROPORCIONA MOMENTOS MÁGICOS	30
5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ATRAVÉS DA ORALIDADE	32
5.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	32
6 LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	37
7 ALGUNS MITOS SOBRE A LITERATURA PARA AS CRIANÇAS PEQUENAS	42
7.1 É MELHOR CONTAR DO QUE LER HISTÓRIAS.....	42
7.2 LIVRO NA MÃO DO EDUCANDO SOME OU ESTRAGA.....	43
7.3 NA EDUCAÇÃO INFANTIL É PRECISO OFERECER LIVROS FÁCEIS.....	44
7.4 DEVEMOS POUPAR AS CRIANÇAS DOS HORRORES DO MUNDO.....	44
7.5 AS CRIANÇAS GOSTAM DE LIVROS COLORIDOS.....	45
7.6. LER E CONVERSAR NÃO SÃO SUFICIENTES: HÁ A NECESSIDADE DE REALIZAR UMA ATIVIDADE DEPOIS DE LER.....	46
7.7 A ESCOLHA DO LIVRO DEVE SER RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR	46
8 O PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE RESULTADOS	47
8.1 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	47
8.2 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E DAS ENTREVISTAS.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	60

APRESENTAÇÃO

Gosto de ser gente, porque inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele. Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mas, ainda a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca (FREIRE, 1996, p.52).

Nessa epígrafe, as palavras do mestre retratam o meu percurso, desde aluna, até hoje, como professora. Descreve em síntese a caracterização da minha essência. Somos seres em construção, em experiências contínuas, permanentemente na procura de “aprender” de forma crítica, transformadora, na busca do “ser” mais e “pensar” certo, como diria Freire.

Mesmo com as adversidades que a vida apresenta em vários momentos, os obstáculos fizeram parte da minha trajetória e permitiram o processo de crescimento, impedindo que eu desistisse. Por inúmeras vezes, a sensação de inacabamento limita-nos a enxergar a realização dos planos futuros, que faz parte da natureza humana. Descrevo o percurso da minha trajetória pessoal e profissional, procurando estar mais forte na busca, atenta às aberturas que podem acontecer e consciente do inacabamento.

A leitura sempre fez parte da minha vida, sou neta de portugueses apaixonados pelos livros. Sempre me incentivaram não somente a ler, mas também a reproduzir novos finais ou a recontar as histórias.

Apesar de breve, infelizmente eles partiram muito cedo, as marcas do prazer da leitura e o sentido criativo, imaginativo ficaram registrados em mim. Meu avô tinha uma biblioteca lindíssima e meu maior desejo era folhear aqueles livros, porém, sendo eu a caçula de seus netos, acreditavam que me oferecer à oportunidade dos livros, seria um desperdício. Imaginavam que uma criança não poderia aprender algo sobre leituras se somente manuseasse ou folheasse os ‘encantados’ e belos livros.

Certa manhã de domingo, o meu tio levou os filhos e sobrinhos a uma banca de jornal e comprou gibis para todos, menos para mim, já que segundo ele, eu não sabia ler. Lembro que minha mãe já estava muito doente e ficou muito brava com ele que imediatamente saiu, trazendo não um, mais dois gibis. Foi um misto de alegria e surpresa! Aqueles foram os melhores e maiores presentes que eu ganhei!

Após um tempo, precisei morar com a minha tia, admirava a sua biblioteca lindíssima, com armários enormes, que pareciam ainda maiores para uma criança. E para meu deleite, tinha uma quantidade considerável de livros. Muitos mesmos. Incontáveis livros. Dentre tantos, um deles me encantou, *Pollyana*, da autora Eleanor H. Porter.

Apressadamente, solicitei para minha tia o referido livro para eu ler. Mas ela, sabiamente, instigou-me a aprender a ler para que pudesse matar a minha curiosidade e a ansiedade. Com tranquilidade respondeu que emprestaria, porém, somente quando eu estivesse lendo melhor. Estava ainda no processo de alfabetização, mas o desejo de ter o livro em minhas mãos foi imenso e, em pouco tempo, eu conquistei o tesouro que tanto almejei. Lembro-me como se fosse hoje, cada capítulo era uma viagem (...) viajava pela imaginação e pelas sensações de alegria e desejo para saber o que iria acontecer no final da história.

Com o desenrolar dos capítulos, comecei a perceber que a tristeza e a alegria faziam parte da vida da personagem, assim como ocorre na vida real. Envolvia-me cada vez mais ao enredo do livro, sentia-me encantada pelas saídas que a personagem encontrava para cada situação. Assim que concluí a leitura, solicitei o livro que dava continuidade à história, *Polyana Moça*. Minha tia novamente fez um desafio, propôs que eu fizesse para meus primos a narrativa da história que havia terminado de ler. Desenvolvi desde então, o fascínio pela contação de histórias.

Sempre fui muito tímida, mas o envolvimento e a emoção de continuar vivenciando momentos com a Pollyana, foi um divisor de águas na minha vida, pois passei a contar, encantar e narrar de diversas formas, contava histórias para um grupo de ouvintes, era a leitora e narradora. Sentia-me cada vez mais forte!

Durante um tempo, contei, recontei e conto, até hoje, as duas belíssimas histórias de Pollyana. Ao ingressar no Ensino Médio, conheci a literatura clássica, grandes escritores brasileiros e me encantei por um dos contos de Clarisse Lispector, que dá nome ao livro – *Felicidade Clandestina*. A personagem Sofia gostava muito de ler e não tinha condições de adquirir livros. Uma colega, filha de um livreiro, possuía muitos livros e Sofia sempre pedia emprestado, mas dificilmente conseguia. Tinha muito interesse pelo livro de Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* e não cansava de pedir emprestado, mas nunca conseguia. Até que um dia, a mãe de sua colega, percebendo o seu interesse pelo livro, emprestou-o por tempo indeterminado. A Sofia ficou felicíssima, pois ficar por um tempo indeterminado era bem melhor do que se o livro fosse seu.

O meu interesse por livros e leituras continua, inclusive, no período em que comecei o Mestrado, adquiri um livro que achei bem diferente, *Como ler livros – um guia clássico para a leitura inteligente*, de Adler e Van Dorem. Quando entregaram em casa, meu marido cuidadosamente abriu as embalagens para a limpeza com álcool e, ao ler o título, comentou perplexo: como uma pessoa com tantos livros e uma enormidade de leituras, poderia adquirir um que ensinasse a lê-los?! Para arrematar esse episódio, deixo aqui registrado que o livro em

questão, apesar de a sua primeira publicação ter ocorrido em 1940, continua sendo um dos melhores. Seu conteúdo aponta caminhos e possibilidades para a compreensão de leituras e atende professores que desejam compreender a metodologia do ato de ler, apesar de atender aos leitores comuns, também.

Para a formação de um bom leitor é necessário à exposição a uma variedade de leituras, eis o inacabamento sugerido por Freire desde sempre. A leitura é uma atividade diária e necessária à apropriação dos fatos cotidianos, permitindo uma reflexão e um repensar sobre os acontecimentos, mas não só, é um deleite que permite imaginar e repousar os pensamentos em mundos desconhecidos, únicos.

E, nesse percurso pela literatura, no Ensino Médio, optei pelo Magistério. Foi uma das minhas melhores decisões, pois fiquei bastante empolgada com o curso, o meu entusiasmo contaminou as pessoas ao meu redor: marido, irmão e cunhada. Logo que me formei, iniciei a minha carreira profissional. Em seguida, cursei Pedagogia, depois Artes Visuais, especialização em Língua Portuguesa e Docência em EaD. Além disso, participei e participo de várias formações. Destaco à formação referente ao método montessoriano, exigência da escola particular em que fui contratada. Meu primeiro salário serviu para pagar o referido curso.

Decorridos alguns anos de estudos acadêmicos e outras conquistas, atualmente encontro ex-alunos formados e que atuam na carreira docente. Compartilhamos lembranças de bons momentos, inclusive em locais que trabalhamos juntos e tenho a alegria de ver como a minha atuação influenciou a escolha da carreira docente.

Outra etapa importante na docência foi o meu ingresso na Rede Municipal de Ensino em Santo André, no ano de 2007, na qual tive a oportunidade de circular por vários ambientes escolares e desempenhar diferentes funções, fui designada à Assistente Pedagógica e, posteriormente, à Coordenadora de Projetos e Docência na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Destaco, além de boas lembranças e inúmeros conhecimentos adquiridos, o constante incentivo à formação em serviço em diferentes áreas, inclusive com expressivo incentivo à leitura. As pautas das formações partem de diálogos que reforçam o valor do ouvir, contar, encenar, musicalizar, teatralizar ou criar várias outras situações pedagógicas que incentivem e instiguem as ações de leituras e contações de histórias. Além das formações, destaco as palestras e algumas ações coordenadas que permitiram compartilhar experiências e bibliografias possibilitando mediações relacionadas aos temas abordados.

Diante da diversidade do grupo de alunos que, me deparo, devo, cada vez mais, adquirir conhecimento para resolver as questões que surgem no decorrer do processo de ensino com o

objetivo de melhorar o processo de aprendizagem dos educandos.

Para tanto, decidi submeter-me à seleção para o metrado em Educação e desenvolver a temática, contação de histórias, em função da minha trajetória profissional e pessoal.

1 INTRODUÇÃO

Por meio da leitura ou da contação de histórias, o leitor ou os ouvintes podem viajar pela imaginação. Não importa quando ou onde se dá a leitura ou a contação de histórias, ela pode acontecer no nosso quarto, na biblioteca, na escola, na casa dos avós ou de outros parentes. Pode ser durante viagens de trem, avião, carro ou transporte público. Para a leitura de um livro, não é preciso ter alguém ao lado, basta o barulhinho do virar das páginas para que o leitor sintasse bem acompanhado, vivenciando a história como se fosse parte dela.

A contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem, na Educação Infantil, apresenta indicadores efetivos para situações desafiadoras, além de fortalecer os vínculos sociais, educativos e afetivos. Portanto, os professores podem usá-la como ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando o seu interesse pela leitura.

Nos documentos que norteiam a educação básica, a contação de histórias é referendada de forma positiva, como apoio aos processos de aprendizagem. Além de desenvolver a criatividade e a imaginação, a criança também desenvolve habilidades de leitura e habilidades sociais.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem [...] garantir experiências que [...] possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. (BRASIL, 2010, p. 25)

Conforme expressa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010) a presença dos gêneros orais é importante para estimular a curiosidade e servir como suporte para a aquisição da língua.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018, p. 73), salienta que:

Na Educação Infantil, são importantes as experiências da criança com a cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens, que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

Entre ler e contar histórias há pontos de aproximação e de distanciamentos muito distintos. Ao contar uma história, utiliza-se a linguagem oral, informal, acrescentando ou retirando algo, de acordo com o momento e a reação do público. Utiliza-se um vocabulário diferente, acrescentando palavras e/ou retirando outras. Assim, as crianças percebem que a

linguagem oral tem mobilidade, é mutável e pode variar de uma situação para outra.

A contação de história pode ser feita por meio do uso de recursos visuais, como o livro, para que os educandos percebam que nas histórias há seres mágicos, encantados, tais como: lobos maus, caçadores, animais dos mais diversos tipos etc. Levá-los a perceber que ler e escutar histórias são meios para conhecer lugares, pessoas e seres diferentes. Este processo é construído na relação entre contador/mediador/leitor de histórias.

O interesse pelo tema, desta pesquisa, se deve ao fato de que, no ano de 2019, percorri algumas unidades escolares da rede municipal e privada da região de Santo André, realizando contação de histórias para os educandos. Não há como definir quem se empolgou mais com os encontros, se os educandos, os professores regentes ou as equipes de gestão que compartilharam essa experiência. Por isso, esta investigação propõe analisar a experiência do processo de contação de histórias e sua contribuição na formação do educando.

A pergunta que orientou este trabalho foi: em que medida a contação de histórias contribui para despertar o interesse pelo ouvir as histórias?

Para responder a este questionamento, o referencial teórico pautou-se nos trabalhos de pesquisadores da infância e da contação de histórias, dentre eles: Maria Cristina Rizolli, Malba Tahan, Yolanda Reyes e Walter Benjamin.

A presente pesquisa teve por objetivo geral investigar se as contações de histórias contribuem para o processo de aprendizagem dos educandos, da Educação Infantil, no município de Santo André/SP.

Os objetivos específicos são: i) identificar quais os sentidos, construídos pelos professores, nos espaços pedagógicos às contações de histórias; ii) analisar como os professores desenvolveram o processo de contação de histórias; iii) investigar os elementos necessários para o momento da contação de histórias; iv) observar e ouvir os educandos e as professoras antes e após os momentos de contação de histórias.

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, por considerar as escolhas das histórias, os diálogos, a contação de histórias e o envolvimento das professoras que participaram deste estudo.

A presente dissertação está dividida em seções, elas discorrem sobre a contação de histórias, enquanto prática do professor de Educação Infantil, e sobre as técnicas e delineamentos da apresentação das histórias para auxiliar no processo de aprendizagem.

Após, apresenta-se o percurso metodológico e a análise dos resultados da pesquisa efetuada, em Santo André, com duas educadoras e alguns educandos.

Para a realização do estudo foram consideradas teses, dissertações e artigos dos seguintes bancos de dados: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e Educação; Sistema Integrado de Biblioteca da Universidade de São Paulo; Banco de Teses da Universidade Nove de Julho, SCIELO e EDUCAPES.

As buscas foram realizadas com o descritor: ‘contação de histórias na Educação Infantil’. Identificou-se 290.073 publicações, dos quais foram selecionados vinte artigos, cujos títulos eram pertinentes ao tema de estudo. Uma vez realizada a leitura dos resumos, três artigos foram escolhidos e lidos na íntegra, assim como quatro dissertações, cujos temas dialogavam de forma direta com o objeto de pesquisa.

2 A TRADIÇÃO ORAL E O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Contar histórias termina em uma sabedoria, assim como por outro lado a sabedoria muitas vezes se revela numa narrativa. O contador para recebê-los é preciso que também se conte algo a ele. (BENJAMIM, 1994)

A linguagem oral e o ato de contar histórias são partes intrínsecas do percurso histórico do homem. Quando as palavras ainda não existiam, as histórias eram contadas via gestos e olhares. Na tradição oral, retratavam os sentimentos e pensamentos de determinado lugar, continham o medo, as surpresas, o desejo, o desconforto, a coragem e as conquistas. O contar, o narrar os acontecimentos, “[...] advém da necessidade de ordenar, de dar significado às coisas que acontecem e de conservar na memória suas experiências e criar um sentido de pertencimento ao grupo”. (RIZOLLI, 2005 p.6-8)

A narração está presente desde as primeiras manifestações da língua, “[...] muito provavelmente uma das primeiras e mais naturais formas pela qual organizamos nossa experiência e nosso conhecimento é em termos do formato narrativo”. (BRUNER, 2014, p.119). A criança, desde muito cedo, ordena e organiza o pensamento por meio da linguagem e a narração é um meio para expor suas vivências.

Ao narrar, o contador tem a intenção de instigar, de provocar o ouvinte e estimular a sua imaginação. Ainda que o contador faça uso de outros tipos de linguagens artísticas, a narrativa é seu principal instrumento, por meio dela há o “[...] significado compartilhado, negociado nas interações que permite as pessoas se entenderem umas às outras” (BRUNER, 2014, p. 119).

Benjamim (1994, p.198) afirma que “[...] a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”. As histórias, por muito tempo, foram contadas por narradores anônimos. O amigo, vizinho, parente assumia a premissa narrativa, abastecendo o imaginário popular. Geralmente, era tido como alguém que transmitia as ideias com sabedoria.

Para Benjamin,

[...] escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos, através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias próprias. (BENJAMIN, 1994, p. 199)

O bom contador de histórias é também um excelente observador, ao contar histórias instiga a imaginação a ir para diversos lugares e épocas e, nesta viagem, desperta os mais diferentes sentimentos: alegria, curiosidade, fantasia, em alguns momentos tristeza. A intensidade das palavras, da energia de cada uma delas, da respiração prende a atenção do expectador que acompanha e vivencia a história apresentada.

A tradição oral com o advento da tecnologia perdeu espaço na sociedade contemporânea. O rádio, a televisão e a internet substituíram as contações de histórias que aconteciam nas vilas e bairros, comuns nos séculos passados. A comunicação e o modo de perpetuar as histórias mudaram.

Conforme Benjamin (1994, p. 32):

Walter Benjamin anunciava, em 1936, que a arte de narrar estava em vias de extinção. A informação que chega pronta está ali, a disposição, basta um apertar de teclas, tudo pronto, permitindo pouquíssimo espaço para a pesquisa, criação e pesquisa. “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede a um grupo que alguém narre alguma história, o embaraço se generaliza”. Mesmo sendo pessoas que falam bem em público. Quando surge a chance de contar histórias, surge aquela pergunta sobre qual título irá contar? Falta um repertório de histórias para as pessoas, das belas ou emocionantes histórias. E quando acontece o pedido muitas vezes narram as histórias dos *Três Porquinhos* e o *Lobo Mal* ou da *Branca de Neve*, e mesmo assim, apresentam dificuldades. Mas, não podemos culpá-los, pois somos frutos de uma educação que sempre repreendeu o destaque, a exposição. Não obtivemos na nossa infância, orientadores emancipadores, mas sim, os explicadores, os que acreditavam que detinham o conhecimento.

Apesar de intrínseca a história humana, nem todas as pessoas possuem a habilidade de contar histórias, Machado (2004) discorre que ser contador é uma habilidade que pode ser desenvolvida. Muitos professores, por exemplo, procuram cursos para aprenderem a contar histórias, mas é somente com a prática de narrar que lhes serão respondidas algumas perguntas, tais como: que técnicas devem ser utilizadas? Que histórias devem ser contadas para as crianças de cinco anos? Como manter a audiência? Uma história deve ser lida ou contada?

Para Machado,

Esses questionamentos são recorrentes, é raro, no entanto, que perguntem: como posso me preparar, ou seja, o que posso aprender para que eu mesmo encontre resposta para as minhas perguntas? Essas perguntas, e tantas outras desse mesmo tipo, não têm uma resposta única e definitiva. Cada uma delas depende de um conjunto de circunstâncias, sempre particulares, para serem respondidas por alguém. Dentro da sua determinada experiência de aprender a contar, é preciso compreender que as técnicas resultam de um processo de elaboração da presença, que começa com as perguntas: “Por que contar?” “Eu gosto de contar histórias?” (2004, p. 69).

O contador de histórias é aquele cuja capacidade de narrar e entreter se alinham.

Independentemente do estilo, o bom contador é aquele que nos emociona, nos faz refletir, nos diverte, sabe plantar em nosso coração a semente dos sonhos. Para que isso aconteça, mais importante que qualquer recurso cênico é construir a narrativa a partir da “atmosfera” do auditório, sentindo-lhe o pulso a cada imagem que lhe é entregue. O conto é, antes de tudo, a arte da relação que se estabelece entre o contador e seus ouvintes. O grande mérito dos bons contadores está em seu talento para criar, em torno da palavra do conto, um ambiente de fraternidade que possa apagar as linhas que separam as gerações, as raças e as culturas (MACHADO, 2004, p. 140).

Na contemporaneidade, o educador apropriou-se da cultura oral para contar histórias. A Educação Infantil faz uso da contação de histórias como ferramenta do processo de aprendizagem. A contação de histórias está presente no processo de mediação, no qual os educadores aproveitam a experiência que o educando traz consigo para facilitar o processo de aprendizagem, tornando-o mais fácil. Ao sentir-se seguro o educando terá maior facilidade de opinar e narrar experiências, vivências e histórias, apropriando-se de elementos importantes para a construção narrativa.

Para Bruner (2014, p. 35):

[...] a leitura de narrativas ou, no caso de crianças pequenas, a escuta de contos infantis, promoveria o entendimento das crianças dos desejos, crenças, intenções e sentimentos dos personagens, assim como promoveria a compreensão dos sentimentos e pensamentos próprios que a história lhes provoca. Ou seja, se a tristeza ou alegria do personagem sensibiliza a criança, a leitura estaria estimulando sua empatia, domínio afetivo da teoria da mente; por outro lado, se a história remete para solucionar problemas ou desvendar mistérios, a criança deve inferir o comportamento do personagem, considerando suas crenças, desejos e intenções, estimulando então o domínio cognitivo.

Na troca entre o que foi contado e o que foi assimilado, a criança coloca-se no lugar das personagens vivenciando os momentos apresentados. Assim sendo, ela dá forma às histórias e às experiências vividas, ao mesmo tempo em que, desenvolve suas habilidades cognitivas, sociais e afetivas.

Na contação de histórias os ouvintes são “[...] livres para interpretar as histórias como bem desejarem [...], e assim, a contação realizada atinge uma amplitude que não existe quando simplesmente comunicamos uma informação” (BENJAMIM, 1994, p.203).

Benjamin previu a substituição da narração, na década de 1930, e considera que as sociedades recebem muita informação, mas possuem pouca comunicação.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 204)

Entretanto, em plena era da imagem e da informação, observa-se que recebemos todo tipo de informação, muitas vezes, nem nos lembramos. A arte de narrar caiu em desuso, sendo paulatinamente resgatada na escola. Cabe ao contador de histórias a difícil tarefa de resgate para essa tradição ancestral e fazer com que a contação de histórias retorne para o público.

3 O CONTADOR DE HISTÓRIAS

O dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver o mundo de outras formas. (MACHADO, p.117)

A ação de contar histórias é uma característica humana, é um hábito muito antigo, que responde à necessidade de manter o relacionamento entre os indivíduos. Na infância, o contar histórias, além de aproximar o adulto ao mundo da criança, permite a ela “[...] retomar a sua própria experiência: ela ouve a experiência do outro e reelabora a experiência vivida. Nesse processo, ela percebe um significado e dá uma forma, um sentido, um sentimento legítimo ao que experimenta” (RIZZOLI, 2005, p. 11). O elo estabelecido entre quem conta e quem escuta gera uma melhor compreensão do que foi contado, pois é possível colocar-se no lugar das personagens vivenciando de forma imagética os momentos que são apresentados.

O contador de histórias utiliza os sons, as palavras, os gestos e os olhares para criar um ponto comum entre ele e o ouvinte, chamado de "terra do meio", na qual são feitas as conexões entre o contador, o ouvinte e a história. Em complemento, Machado (2004) discorre que:

A cadência é o ritmo, a respiração do contador de histórias, em consonância com a “respiração” da história. Para poder acompanhar a cadência da história, é necessária uma disposição interna do contador, para deixar-se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e o olhar, de acordo com os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe (MACHADO, 2004, p. 71).

A construção de um elo com o público faz-se necessária para estimulá-lo a construir e ordenar significados relacionados à história. Exemplifica-se esse elo via o fragmento do episódio ocorrido na vida de Marina Colasanti (2019, p. 9-11) descrita no livro, *A cidade dos cinco ciprestes*, que reconta uma história que ouviu na infância. Ela inicia a contação com a descrição do ambiente, após tece a narrativa construindo os cenários e os personagens. Nesse ensaio faz referência ao famoso conto das *Mil e uma noites*. Para a autora, a contação de histórias é importante para levar o menino e a menina a interessar-se pela leitura. Para isso, o professor também deve gostar de ler e ser leitor.

O professor que não é leitor não tem como formar leitores – não formará um. A leitura é contaminação amorosa: o professor tem que acreditar no que diz e, para acreditar, ele tem que ser leitor. Tenho visto trabalhos maravilhosos por parte de professores que são leitores, que são entusiasmados, emprestam livros, fazem concursos internos, preparam os meninos para escrever. Mas são professores que leem e acreditam no que estão dizendo. [...] (COLASANTI, 2016, s/p).

Tanto com o livro em mãos (leitura guiada) ou sem, o contador realiza sua performance para dar ao ouvinte diferentes entendimentos, pois cada expectador terá a sua interpretação do enredo. Contar uma história é algo muito peculiar, principalmente porque de alguma maneira o contador de histórias precisa se identificar com a história que será apresentada. Na literatura, as belas artes sempre estiveram presentes, através dos jograis medievais, das declamações, das grandes peças teatrais e, principalmente, através da contação de história.

A principal função do contador é estimular o gosto pela leitura, pela literatura. Cabe ao contador de histórias, professor ou não, fomentar a curiosidade e a vontade de novas histórias, para que o ouvinte busque de forma autônoma os livros.

Para Colasanti,

A literatura é estruturante. Ela ajuda o indivíduo a responder às suas interrogações interiores ou a torná-las mais claras porque muitas vezes você não sabe o que está se perguntando. Você tem uma inquietação e não sabe formular a pergunta. A literatura inventou os links muito antes do computador porque o tempo todo está fazendo links. Uma pessoa diz uma frase, aí no capítulo seguinte outra pessoa diz aquela frase... É uma janela mais ampla sobre a vida que, além do mais, te mostra outros universos, outras maneiras de viver. Sem você precisar sair da sua casa. É a melhor escola que tem. (2016, s/p.)

De acordo com Machado (2004), para conseguir aguçar a curiosidade e a prática da leitura o contador deve:

- Ter disposição interna para se deixar levar pela respiração da história.
- Esvaziar-se de qualquer julgamento ou preocupações.
- Observar as pessoas, os biótipos, os gêneros, os objetos e os fenômenos da natureza.
- Ver, conceber com a imaginação, com a intuição do que pode ser.
- Estimular à curiosidade, o senso de humor, a capacidade de brincar, de correr o risco, de perguntar, de ter flexibilidade para enxergar diferentes pontos de vista.
- Instigar o contato com as suas memórias e suas imagens internas.
- Estabelecer o poder do silêncio interno, o exercício da escuta, dos gestos corporais, do olhar e da sua voz.
- Depreender-se do certo e do errado, do previsível, das regras estabelecidas, dos medos e de tudo o mais que possa aprisionar durante a contação de histórias.

Dada a importância da contação de histórias para o desenvolvimento das habilidades leitoras, na Educação Infantil, ela faz parte do currículo e está integrada nos documentos nacionais.

4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PROPORCIONA MOMENTOS MÁGICOS

A escritora e pesquisadora Rizolli (2005) argumenta que a mídia, por meio da televisão, do computador, dos livros digitais, dos jogos digitais que trazem uma história é possível satisfazer a vontade de conhecer narrativas, porém as sensações experimentadas são diferentes quando comparadas a contação de histórias. Para Rizzoli (2005, p. 13):

A figura do adulto é extremamente importante nesse processo, porque ele propõe cenários para as histórias, faz as escolhas dos lugares onde contar as histórias, escolhe os temas. [...] O importante é oferecer um ambiente agradável para a criança, onde ela possa formar um significado para sua história – que não é o significado dado pelos adultos, é o sentimento que a criança vai levar consigo dessa história.

Oportunizar às crianças interação no momento da contação é importância para que elas sintam-se envolvidas, pertencentes ao momento. As histórias, conforme Rizzoli (2005) apresentam um valor terapêutico e, por isso, são narradas para as crianças como forma de terapia. A educadora italiana relata sua experiência de contar histórias em institutos de reeducação para menores com problemas. De acordo com sua experiência, as histórias curam. Elas não curam a parte física doente das crianças, mas resgatam o que as crianças têm de bom e fazem com que elas possam retomar a vida, alimentarem-se de ideias e crescerem.

De acordo com Rizzoli (2005, p.21),

As crianças pequenas necessitam fazer diversas conquistas tais como: engatinhar, caminhar, falar, subir e descer obstáculos, controlar os esfíncteres, manuseio de talheres, se despirem e vestir, tomar banho, ir à escola e etc. Com isso, as histórias infantis podem ser um excelente parceiro das crianças por lhes ajudar a lidar com 313 essas questões da vida real. Porém, os benefícios da literatura infantil vão além, como: a ampliação da criatividade, do vocabulário, do senso crítico, da curiosidade, dos laços afetivos, o gosto e o prazer pelo belo. Igualmente, as histórias podem levar o leitor, o contador e o ouvinte a um universo desconhecido, fazendo uma viagem imaginária e retornando a um mundo real mais pleno de sentidos e de enriquecimento cultural.

No momento da contação de histórias, o contador transmite os sentimentos apresentados na história, ele sofre e fica alegre com as personagens e com os acontecimentos relatados. Rizolli (2005, p.12) ainda expõe que a ação de contar e ouvir histórias entra no âmbito pedagógico. “Ninguém pode negar que esse valor catártico faz com que o sujeito que ouve histórias libere as angústias que guarda no subconsciente”. A criança, com maior facilidade, parece liberar essas angústias com as histórias que lhe são contadas. Pelo fato de poder ser um herói/heroína ou tornar-se através da imaginação um animal feroz que enfrenta os perigos e os obstáculos constitui uma experiência positiva.

As crianças na contação devem sentir-se livres para perguntar e estabelecer relações com o contador e, consequentemente, com a história. Elas estão sempre querendo saber o porquê (o motivo) das coisas, o que é uma curiosidade típica de toda a criança. Muitas vezes, o adulto dá explicações racionais, pensadas e pouco imaginadas. Essas são respostas muito calibradas, muito precisas e a criança não está realmente querendo esse tipo de resposta.

A narrativa representa um ponto delicado de encontro entre a imaginação e o conhecimento. Ela pode, assim, representar um terreno fértil, no qual a imaginação e criatividade são estimuladas, enquanto situações mais rígidas e mais definidas podem inibir o desenvolvimento dessa criatividade e dessa imaginação da criança.

Conforme Rizolli (2005) percebe-se que as histórias são feitas, em grande parte, de imagens que nos atinge de forma profunda. Se, anos mais tarde, as imagens forem novamente propostas por meio de novas narrativas, descobriremos que as imagens iniciais da narrativa entraram no nosso ser e não permaneceram aí somente na idade infantil, mas se encontram presentes. Assim, observa-se o quanto é importante oferecer esses momentos para as crianças.

5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ATRAVÉS DA ORALIDADE

[...] O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra sua ou outra história, dirigindo-se diretamente ao público, evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre a seu relato. Reatando os laços com a oralidade, situa-se em tradições seculares e influencia a prática teatral do Ocidente confrontando-a com as tradições esquecidas da literatura popular, como o relato do contador de histórias árabe ou do feiticeiro africano.
(PAVIS, 2008, p. 69)

De modo geral, há o contador de histórias tradicional e o contemporâneo. O primeiro surge para manter a cultura e tradição de um povo; o segundo se apropria de um texto literário para entreter. Mesmo com a permanência de algumas características específicas, cada contador embarca em um ciclo de transformação de si a partir dos avanços tecnológicos e sociais.

5.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Conforme apresentado por Sisto (2012, p.11), “[...] contar histórias é o exercício de cidadania e a linguagem artística mais democrática que conheço: não exige um espaço fechado nem aparatos e tecnologia específicos”. O autor afirma que as palavras e o modo de conduzi-las na contação de histórias, permite ao ouvinte adentrar no mundo da imaginação.

Se uma história, ainda que de forma velada e subliminar, ensina sempre, ela também ensina as questões étnicas e culturais, relevantes para qualquer indivíduo. E nossas escolhas também devem ser criteriosas o suficiente, a ponto de ajudar a promover o respeito, principalmente aos direitos humanos, ao meio ambiente e às questões de gênero. Contar histórias é sempre um elemento integrador e socializador, que pode aproximar campo e cidade, meninos e meninas, adultos e crianças, ricos e pobres, gordos e magros, altos e baixos, ou seja, lá qual for o par opositivo que queiramos nomear. (SISTO, 2012, p. 18).

Para Antunes (2012, p.28), mesmo com habilidades distintas entre as modalidades de ensino, é possível recorrer às histórias narrativas para o processo de ensino aprendizagem. A partir delas, os estudantes desenvolvem habilidades para localizar, observar, conhecer, separar, dividir, relatar, narrar, contar, combinar, classificar, elogiar e criticar.

De acordo com Sisto (2012, p. 13): “[...] a contação de histórias no âmbito da sala de aula é um dos recursos que estão a mão do professor para fazer com que seus alunos se aproximem do mundo da leitura”. Nos momentos das contações de histórias, além da imaginação, fantasia, sensibilidade de ouvir os diferentes tipos de sons, há ainda o acréscimo de palavras ao vocabulário e a interpretação. As habilidades envolvidas estão além da escuta.

A contação de histórias não é apenas mais uma técnica ou ferramenta que o educador utiliza em sala de aula, mas uma atividade que permite ao estudante ser protagonista, interagindo com a história e com os colegas, articulando os conhecimentos prévios com os novos conhecimentos. Para Colasanti (2016, s/p.):

Gosto muito do trabalho com leitor guia – um leitor experiente que lê com os estudantes e vai desvelando o conteúdo daquela leitura. Ou de um clube de leitura, com vários jovens que se juntam e comentam o livro uns com os outros, porque o jovem que lê, no Brasil, corre o risco de ficar muito sozinho. E hoje se pode fazer clubes de leitura pela internet.

A contação de histórias, proposta por Colasanti (2016) exige a participação do livro e, neste contexto, os livros infantis devem ser mostrados, tocado pelas crianças, pois são carregados de imagens que além de despertar a imaginação, possibilitam a interpretação e reflexão. Neles ocorre uma espécie de dupla narração, o texto verbal e o não verbal. Ambos, portanto, cooperam para contar a história e por meio das funções de cada linguagem, garantem uma articulação equilibrada entre texto e imagem, a qual é imprescindível à adequada compreensão da história. Desse modo, não cabe ressaltar a importância maior ou menor de uma das linguagens em relação à outra, uma vez que ambas, inter-relacionadas, mostram-se igualmente necessárias e relevantes à constituição da obra, desde que cumprindo a contento o seu papel específico.

Segundo Freire (2001, p. 27), “[...] o conhecimento, exige uma presença curiosa do sujeito em face ao mundo. Requer a sua transformação sobre a realidade. Demanda busca constante”. No momento em que o contador de histórias utiliza a contação de histórias como recurso pedagógico ele propicia ao educando o contato com infinitas curiosidades pertencentes ao ser humano relacionado a sua faixa etária.

Dessa maneira, cabe aos contadores de história narrar, contar e recontar as histórias de maneiras diversas ou utilizando técnicas variadas. O contador de histórias pode ler ou contar as histórias de várias maneiras, pois nas crianças está sempre presente o desejo de ouvir uma história. Essa troca, entre ler ou contar a história, no processo de ensino e de aprendizagem, gera uma reflexão sobre a *práxis* do contador de histórias. Freire (2001, p. 25), nos diz: “[...]. Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem, por isto, sabem que sabem algo e podem assim chegar, a saber, mais”. Freire (2001 p. 11) nos diz que “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ele relata que aprendeu a ler no chão do quintal da sua casa, em momentos de brincadeiras infantis, ao ouvir histórias. O educando constrói vínculos com o mediador, o que oportuniza a vivência social e a aprendizagem da leitura.

Segundo Sartre (2004, p.16), “[...] a palavra arranca o prosador de si mesmo, e o lança no meio do mundo, e devolve ao poeta, como um espelho, a sua imagem.” Percebe-se que a literatura possui uma magia que faz com que o leitor viva outra vida sem sair da sua própria vida. E, após a leitura, criam-se mundos, personagens, momentos que ficarão registrados na nossa memória.

Sartre (2004, p.19) ressalta que “[...] a linguagem é a nossa carapaça e as nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos”. A comunicação com os textos e a leitura faz com que a obra esteja completa, pois o leitor a entendeu e a trouxe para si, pois é o leitor que, através da sua imaginação, cria a forma do que está lendo.

Aqui há a possibilidade de perceber o quanto as crianças vivenciam as histórias ouvidas e que há também o exercício da imaginação. A contação de histórias consegue desenvolver a imaginação, a identificação dos ouvintes com os personagens, com o enredo, além disso, não se deve esquecer o envolvimento afetivo entre as crianças e os adultos. Permitir que a criança retorne à história já ouvida faz com que ela vivencie algo diferente, pois ela também está diferente e irá retirar da história lida ou narrada algo de novo, algo que antes não havia percebido, pois ela também já possui novos conhecimentos e terá um novo olhar para a situação.

Ao ler ou narrar uma história, o ouvinte passa a imaginar a cena, imaginando cenários e personagens. Nesse caso, utiliza-se a linguagem escrita em que o texto é sempre o mesmo, indiferente de quando se lê ou de quem lê. A linguagem é fixa e a criança já sabe o que irá ouvir proporcionando uma referência cultural linguística, da qual irá apropriar-se e utilizar em suas futuras produções.

Carvalho e Barouikh (2018, p.28-29) enfatizam que:

A transmissão vocal de um texto escrito não se configura como leitura para quem o ouve. O benefício da oralidade é que o educando descobre a função da língua escrita e as suas especificidades tais como a referência de gêneros, de como estrutura uma frase e a organização de cada gênero. O benefício da leitura é que ela proporciona o contato com o mundo da escrita, sem propriamente o domínio dele. E esse contato deve ser realizado com frequência. Devem ser momentos em que eles manuseiem o objeto livro, que observem as ilustrações, que percebam que a ilustração condiz com o que foi lido ou narrado. Deve-se incentivá-los a observar as ilustrações e que as narrem. E caso não haja ilustrações, o público irá criar mentalmente as imagens e as situações, as personagens e os locais descritos na narrativa.

Alguns educadores não analisam a qualidade da ilustração. Muitas vezes, ela é apenas um traço, um elemento que revela o diálogo que o ilustrador estabeleceu com o texto, sua visão da história, outros elementos que agregou ou que escolheu ressaltar ou a técnica que elegeu

utilizar: fotografia, colagem, pintura, fotografias de animais e personagens feitos de massinha, entre outros. Mas podemos ter certeza: as ilustrações têm autoria. Apresentam o olhar de um artista para a história, revelam a forma como se aproximou daquela narrativa. Algo é certo, em cada uma dessas referências há um autor, um artista que consegue trazer para o visual o que o escritor criou para o enredo da história, fazendo com que os leitores ou ouvintes fiquem mais próximos do enredo.

Há algumas ilustrações que somente explicam as histórias, são as chamadas ilustrações redundantes. E há as complementares como o Lobo Mau soprando a casa dos 3 porquinhos.

Segundo Ramos (2011, p.23) “[...] as ilustrações dos livros infantis são consideradas como aspectos fundamentais para a segurança do conhecimento e pela surpresa do inusitado provocado pelos desenhos”.

Amarilha (1997, p. 39) salienta que: “Na atualidade não cabe pensar em literatura infantil sem ilustração. Quando se consideram os livros destinados aos educandos da Educação Infantil, logo se imaginam obras fartas em imagens, cores e formas, embora nem sempre tenha sido assim”.

A autora aponta ainda que:

Nos primórdios, as ilustrações presentes nos livros infantis eram poucas, pois era a leitura em voz alta, feita por um leitor com maior experiência, que direcionava a compreensão do lido. Entretanto, uma série de mudanças sociais, a exemplo da expansão da leitura individual e da popularização do objeto livro, fez com que o leitor, sozinho, precisasse suprir a ausência da voz do leitor-narrador. (1997, p. 40)

Na creche, com pequenos de 0 a 3 anos, é importante contar histórias para os bebês e para as crianças de 1, 2 e 3 anos. Nessa etapa, a escola tem um papel fundamental na aquisição da linguagem. Por isso, as diversas situações da rotina: brincadeiras, alimentação, troca de fralda, banho, roda de leitura e de música, são oportunidades de aprendizagem, visto que o professor fala, acolhe, convida e sugere aos pequenos que participem de situações de comunicação. Ele também deve ajudá-las a se expressar. Ler histórias de qualidade, ensinar músicas, parlendas e brincadeiras orais são atividades privilegiadas nessa faixa etária.

Nas turmas de quatro e cinco anos, as possibilidades de projetos e sequências envolvendo os conteúdos de aprendizagem do eixo de oralidade ganham outra perspectiva. Como os educandos, desta faixa etária já falam, sabem comunicar seus desejos e argumentar, é hora de investir no aprimoramento das capacidades comunicativas. São bem-vindos os projetos que envolvem a memorização de poesias ou parlendas para apresentação, as brincadeiras com parlendas, tais como: “*Lá em cima do piano...*”, “*O Trem maluco*” e “*Adoletá*”, batendo palmas

com as mãos. Exposições orais para outros colegas da classe sobre temas pesquisados nos projetos de Natureza e Sociedade também são um bom motivo para envolver as crianças em situações de comunicação oral. E muita contação de histórias, sendo essas mediadas pelos educadores.

Deve-se levar em conta que estão alinhadas quanto à necessidade de estimular o desenvolvimento da oralidade, incentivando, dessa forma, o contato com a literatura e a contação de histórias.

6 LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Para identificar se as histórias contadas para as crianças agregam conhecimento ou desenvolvem habilidades foi utilizado como base o livro, *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*, de 1994, de Fanny Abramovich. A autora, através das páginas do livro, define as narrativas como elemento fundamental à formação integral do ser humano. A participação no momento de contação de histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor ou ainda um excelente leitor.

Abramovich (2006, p. 17) afirma que:

[...] ler ou contar histórias para crianças é poder rir e gargalhar. É também despertar o imaginário, é ter as suas inquietações respondidas em relação a tantas outras perguntas. É ainda criar soluções para as dificuldades do dia a dia, que anteriormente eram vistas como sendo impossíveis de serem resolvidas (como as personagens fizeram...). É uma oferta para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e, porque não, das soluções que todos já vivenciamos e vencemos – de uma maneira ou de outra - através das dificuldades que vão sendo defrontadas (ou quem sabe... não), solucionadas (ou não) pelas personagens maravilhosas ou não, de cada história (cada uma a sua maneira)... E a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... E assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

A leitura e a contação de histórias devem ser ações cotidianas, inseridas na rotina educacional. Desde o porteiro às equipes da secretaria, da administração, as merendeiras, as serventes, o bibliotecário, a equipe de da Tecnologia da Informação (TI), aos inspetores, os professores e os educandos, ou seja, todos devem reservar um momento para a leitura. E caso seja possível, um momento, no mínimo, semanalmente para a contação de histórias, com um (ou mais) contador. No início poderá ser difícil, pois é natural mostrar-se tímido, mas, com o decorrer do tempo, as ações acontecerão de maneira espontânea e, provavelmente, todos gostarão de participar.

Segundo Abramovich (2006, p. 18-20)

[...] é através da participação de momentos de contação de histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, tais como: ansiedade, pois queremos participar, ou seja, nos envolvermos, há também momentos de tristeza, de raiva, de irritação, de bem-estar, de medo, de alegria, de pavor, de insegurança, de tranquilidade, e tantas outras mais, ou seja, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

E para despertar o imaginário, faz-se necessário que os educadores, juntamente com os pais e com a equipe gestora nas unidades escolares, possam rever o envolvimento de seres

atuantes no contexto de realidade e com o que nós fomos quando crianças, e que ainda existe, mesmo que adormecido, em ações, sentimentos e vontades. Através da ação de contar histórias almeja-se formar cidadãos criativos, críticos e com senso de responsabilidade, ou seja, que se tornem adultos conscientes e atuantes.

Desde o século XIX, no âmbito educacional, no Brasil, percebe-se que a literatura, nos anos iniciais de ensino, sempre esteve presente, apesar de não ser considerada obra literária. Mas, no final do século XIX, (Segundo Império de Dom Pedro II), o processo de consolidação do sistema social, fez com que a Literatura Infantil passasse a ser considerado o caminho de transformação e, por este motivo, foi inserida no contexto escolar.

Zilberman e Lajolo (1988, p.250-251) discorrem sobre esse momento:

[...] por causa da aliança entre Literatura Infantil e escola, foram os pedagogos os primeiros a se preocuparem com o aparecimento e valor dos livros para as crianças. Carlos Jansen, professor do Colégio D. Pedro II, que foi tradutor e adaptador de histórias europeias [...]. Na mesma época, José Veríssimo, crítico literário de renome, escreve A Educação Nacional, no qual reivindica livros brasileiros para crianças brasileiras.

E, não se deve deixar de citar Leonardo Arroyo, no seu significativo livro: “Literatura Infantil Brasileira”, onde destaca a atuação de Carlos Jansen, que realizou traduções de obras clássicas, sanando as deficiências nos originais ou traduções portuguesas da Literatura Infantil e Juvenil, sendo o pioneiro da nossa Literatura Infantil.

Silva (2020, p. 166) adverte que: [...] a literatura tradicional nutre-se das grandes narrativas míticas (fábulas, mitos, lendas, contos de fadas etc.), em que o *maravilhoso* e o imaginário predominam, tornando-se, por isso mesmo, fonte privilegiada para os relatos ficcionais da Literatura Infantil. Assim sendo, a Literatura Infantil através da contação de histórias tem um papel importante, para que o ensino pedagógico seja transformador e emancipador, sendo o professor tanto contador das histórias entre as crianças, como na literatura.

E para que exista uma comunicação entre as crianças e o enredo da história, além da ligação com as personagens e os momentos vivenciados, e a importância de tais relações, será necessário que o mediador selecione obras condizentes com as necessidades de vida das crianças e/ou adolescentes. Assim, as crianças e/ou adolescentes podem desenvolver interações participativas com a história e o mediador deve disponibilizar espaços de interações participativas com a história, ou seja, espaços implementadores e não inibidores das propriedades dessa leitura. Além disso, devem despertar o gosto pelo imaginar, fantasiar e brincar. Em suma, oferecer um ambiente propício para o despertar da imaginação, da interação

participativa com a história e com os amigos e com as demais pessoas envolvidas no processo, é condição importante para o momento da contação de histórias.

Faz-se necessário proporcionar momentos exploratórios da Literatura Infantil pelos educandos, enquanto elemento emancipador que irá permitir que reflitam sobre o certo e o errado. A Literatura Infantil deve ser um recurso emancipador que irá permitir a organização de referência com que o educando vive, além da reelaboração das fantasias, dos medos, ampliando-lhe a composição de juízos de valores, além da exposição de julgamentos diferentes, produzidos por diferentes leitores / ouvintes, o que, conseqüentemente, remete ao mundo da ética e sua construção. Isso, só será possível em uma pedagogia que contemple a cultura do educando, usando métodos eficazes de ensino.

A esse respeito Saviani (1983, p.79) afirma que:

[...] serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos, sem abrir mão, porém da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, dos conteúdos significativos [...].

Antunes (2012, p.35-36) coloca que quando o contador de histórias conta ou lê uma história, ou ainda quando os educandos contam ou leem as histórias, suas atividades cerebrais são estimuladas. O mediador pode levar os educandos, respeitando a faixa etária, a fazer uso de algumas habilidades, tais como: as de localizar a história no espaço e no tempo, de analisar, de comparar, de descrever, de aplicar e de classificar o texto lido ou ouvido. E para que essas habilidades sejam despertadas, os educandos devem ter a compreensão sobre o que significam e de como utilizá-las, para que sejam facilitadoras e possam ser usadas nos momentos de contação de histórias ou das narrações. Dessa forma, o texto lido ou ouvido irá despertar o interesse, que difere de um educando para o outro.

E o autor salienta que ao contar ou ler as histórias, deve levar em conta que as ações de: contar, narrar ou ler não podem acontecer de forma apressada, pois as histórias devem ser apresentadas de maneira que os ouvintes possam compreender o enredo, imaginando os fatos, criando expectativas e visualizando mentalmente as cenas. Quando o narrador conta ou lê muito rapidamente, ou oculta detalhes, não está sendo claro no que está transmitindo e os educandos não conseguem compreender o enredo.

Assim sendo, esses encontros acontecem em momentos em que as crianças estão simplesmente ouvindo as histórias contadas pelos seus pais, parentes ou contadores de histórias, com pouquíssimo esforço consciente e aprendem a voltar a sua atenção visual para o livro que

o leitor está manuseando, sem perder nada e despertando a curiosidade. Quando as crianças ouvem as histórias, envolvem-se com elas e vão criando circuitos de aprendizagem tanto na fala quanto na escuta, o que permite o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da criatividade e, conseqüentemente, intelectual. Elas irão conhecer novos objetos, novos animais, novas plantas entre outros seres reais ou imaginários que participam das histórias.

E o envolvimento despertado tanto pela voz do contador de histórias, quanto pela aproximação física e a tonicidade da voz, faz com que a criança se envolva afetivamente com a história e levará essas informações para toda a sua vida. Quando um adulto lê ou conta uma história proporciona tanto em uma perspectiva socioemocional, quanto cognitiva, a sensação de que tudo está perfeito. E essa sensação oferece segurança e instiga a criatividade.

E segundo Freire, (2001, p. 27), “[...] O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção”. E essa busca muitas vezes é contemplada através do ouvir histórias, pois elas trazem um repertório rico que irá instigar a descoberta do conhecimento. E o mediador faz essa mágica acontecer ao apresentar lugares e situações diversas, muitas vezes longe da realidade da criança. E para sempre conseguir despertar o interesse, a mesma história pode ser apresentada de diferentes modos e a criança, apesar de conhecê-la, irá encantar-se como se estivesse ouvindo pela primeira.

O contador de histórias deve ter em mente que “[...] educar e educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem, por isso sabem algo e assim podem chegar, a saber, mais” Freire (2001, p.25). E o saber mais acontece inclusive quando há o reconto das histórias, pois o ato de contar e recontar sempre traz algo novo, tanto de quem a conta como de que a escuta.

Assim sendo, através da contação de histórias o mediador pode apresentar novos conhecimentos que serão agregados ao cotidiano dos ouvintes e, assim sendo, há necessidade de ter em mente o tempo e o espaço em que ocorrerá, pois ficarão na memória de quem participa.

A literatura infantil deriva da oralidade, ou seja, desde os mais remotos tempos contam-se histórias para descrever um fato ocorrido durante a caça para a alimentação da tribo, para ninar as crianças ou para despertá-las em momentos de ócio. Os seres humanos também contam sobre o seu dia a dia e as tarefas que devem ou já realizaram, de como conseguiram algo considerado como impossível, para dar certa realidade para as anedotas, ou para demonstrar como algo aconteceu. E essa ação de narrar é muito significativa para as crianças, pois através delas as crianças ingressarão no mundo da leitura.

Silva (2020. P. 199) salienta que:

A literatura infantil, como qualquer outra manifestação cultural, é uma *arte plural*, podendo ser abordada por perspectivas diversas: da consideração dos suportes em que ela é veiculada à questão dos gêneros pelos quais se manifesta de sua utilização no processo de alfabetização da criança à rede de relações socioeducacionais estabelecidas pelos componentes do espaço escolar e muito mais.

Tendo em vista o rápido desenvolvimento das tecnologias, há um questionamento a respeito da influência desse avanço tecnológico em relação aos textos escritos e a esse respeito. Chartier (1990) professor e pesquisador francês, especialista em leitura e com interesse pelos efeitos da tecnologia digital, ressalta que a tecnologia possibilita a circulação rápida de textos, o que deve auxiliar sobremaneira o processo de aprendizagem, criando um tipo de texto literário, que pode ser apresentado de três formas: a mão, impressa e eletrônica.

Mesmo com todos os recursos eletrônicos presentes no nosso dia a dia o ato de contar histórias e imaginá-las é inerente ao ser humano. E o ouvir histórias, muitas vezes, acontece desde a gestação, e continua após o nascimento e em momentos para tranquilizar ou para despertar a curiosidade, aumentar o repertório de palavras ou ainda para aguçar o desejo de ler. Assim sendo, o contar histórias tornou-se um forte aliado pedagógico, pois através delas, A Hora da História passou a ser um momento apreciado pelos educandos. Muitas vezes, ao ouvi-las, desperta o seu interesse pelo conteúdo (assunto) e faz com que a alegria surja e, em outras histórias, faz com que reflita sobre seus atos e sobre diferentes acontecimentos.

7 ALGUNS MITOS SOBRE A LITERATURA PARA AS CRIANÇAS PEQUENAS

Há alguns **mitos** sobre a literatura para crianças pequenas e como utilizá-los. São eles:

mito

substantivo masculino

1. 1. relato fantástico de tradição oral, ger. protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda.
"m. e lendas dos índios do Xingu"
2. 2. narrativa acerca dos tempos heroicos, que ger. guarda um fundo de verdade.
"o m. dos argonautas e do velocino de ouro"

7.1 É MELHOR CONTAR DO QUE LER HISTÓRIAS

Segundo Carvalho e Barouki (2018, p. 32) “[...] a contação de histórias é algo que ocorre nas mais diversas situações e com diferentes tipos de pessoas, mas alguns mitos ainda rodeiam esse universo. Sendo que há alguns mitos relacionados à prática da mediação / contação de histórias”.

Esta é uma afirmação recorrente. Ainda há poucos livros nas salas das turmas de Educação Infantil. Quando há o questionamento sobre o porquê de tão poucos livros, os professores que fizeram parte do contexto da pesquisa alegam que é muito difícil colocar as crianças pequenas em rodas ou permitir que manuseiem os livros, pois poderão estragá-los. Ou ainda que as narrativas infantis sejam muito complexas ou que apresentam termos complexos com expressões desconhecidas e, por esses motivos, escolhem contar as histórias de uma maneira mais simplificada do que as presentes nos livros, especialmente quando fazem uso de recursos que chamam a atenção, tais como: fantoches, músicas, fantasias, entre outros.

Certamente recursos visuais despertam o interesse não somente das crianças, mas dos adultos também, sendo recursos válidos. Mas como despertar a curiosidade pelo livro, por quem escreveu e por quem o ilustrou? As diferentes maneiras despertam a curiosidade na contação e na leitura oral, o foco está nos gestos, na entonação e na narrativa lida.

Nos livros há as ilustrações e o responsável por elas. A reflexão sobre as ilustrações realizadas pelas crianças, por meio do relato da história e das imagens, havendo, também a possibilidade de ser usada a entonação de voz, possibilita o destaque das ações dos diferentes personagens.

Brenman (2012) escritor e contador de histórias, que encanta os pequenos e os mais velhos com as narrações em seu livro, por meio da pesquisa acadêmica: *Através da vidraça da escola – formando novos leitores*, relata que, após a contação de histórias para um grupo de crianças pequenas, foi solicitado, pelas crianças, que retornasse todos os dias. Mas, sabendo que não seria possível, ofertou livros para que pudessem visitar as histórias contadas. A reação das crianças foi instantânea – saíram correndo para agarrarem os livros.

7.2 LIVRO NA MÃO DO EDUCANDO SOME OU ESTRAGA

Alguns livros chamam a nossa atenção, muitas vezes nos encantamos pela capa, pelo título, pelo autor ou pelas ilustrações. Os livros recebidos de presente ficam marcados na nossa memória como algo especial. Muitos livros nos convidam a lê-los e nos envolvemos com a história e os personagens. A maneira como ele é produzido e organizado interfere na relação com a leitura. A autonomia do leitor vai desde o manuseio dos livros até a sua leitura aos poucos ou de uma única vez, do começo ao fim.

Tendo como base a importância do livro resta-nos perguntar: como em algumas escolas os livros ainda ficam guardados em armários bem fechados? Não há motivo para isso, pois o livro foi elaborado e produzido para ser manuseado e lido. Infelizmente, a realidade é que muitas crianças têm acesso aos livros, enquanto outras não. As crianças devem ser incentivadas a manusear os livros, ler as suas imagens, ler a história, mesmo antes de saber ler.

No ambiente escolar o professor deve não só apresentar o livro, mas mostrar às crianças como manuseá-lo. A leitura de um livro dá vida para ele e quanto mais for lido, mais usado irá ficar.

Há necessidade de ensinar hábitos adequados para a leitura de um livro e a equipe escolar deve cuidar do acervo, mas incentivar o hábito da leitura, visando à formação de bons leitores.

7.3 NA EDUCAÇÃO INFANTIL É PRECISO OFERECER LIVROS FÁCEIS

Ainda há pessoas que acreditam que as crianças pequenas não entendem um texto literário porque seria complexo para elas, com palavras difíceis e construções elaboradas. Junte-se a isso o desconhecimento de boa parte da produção de literatura infantil adequada à determinada faixa etária. Mas, ao contrário dessa afirmação, presenciamos inúmeras vezes crianças muito pequenas bastante atentas às histórias da literatura infantil bem escrita, mesmo que não estejam de acordo com a sua faixa etária.

Uma professora consciente da importância da leitura sempre conta histórias para os pequenos enquanto trocando as fraldas ou trocando de roupas, sempre que surge uma oportunidade. E isso tranquiliza as crianças. Em outro momento pode-se mostrar livros onde há figuras de carros, de bombeiros e bicicletas, com os seus respectivos nomes. E é possível organizar a sala para que as crianças explorem vários exemplares: livros de pano, com recortes de revista feitos com muito capricho pela professora com imagens de objetos e com seus respectivos nomes.

Já para os educandos maiores, a partir dos cinco anos, encontram-se presentes nas salas de aula acervos destinados às suas faixas etárias, tanto nas escolas privadas como nas públicas.

O educador conhece os seus alunos e deve sempre se perguntar: O que eles gostariam de ler, onde vivem como são o que já leram e sobre o que mostram interesse. Esse questionamento pode ser apresentado em uma reunião de pais, além de fazer com que participem das ações do ambiente escolar, irão conhecer os que os seus filhos gostam. Essa troca de informações é importante, pois os seres humanos, mesmo com a mesma idade, ou que morem juntos, são leitores (ouvintes) singulares, pois cada um apresenta gostos diferenciados. (AZEVEDO, 2003, p.5)

Os educadores não devem se ater à faixa etária dos diferentes livros, pois são meras orientações. Devem estar atentos às solicitações de seus educandos, pois o encontro entre a literatura e o leitor deve ser algo que agrada a todos.

7.4 DEVEMOS POUPAR AS CRIANÇAS DOS HORRORES DO MUNDO

Será que há temas proibidos na Educação Infantil?

Pode-se falar sobre todos os assuntos com as crianças, mas de uma forma que ela entenda, apresentando fatos que sejam compreensíveis. Temas como morte, doença, suicídio, separação de pais não são criações da literatura, estão postos no dia a dia.

Na infância, as crianças vivenciam as mesmas angústias e emoções dos adultos. Por esse

motivo, não há assunto que não possa ser discutido. Há, sim, formas de serem abordados, escritos e compartilhados, mas há a necessidade de olhar para esses temas.

7.5 AS CRIANÇAS GOSTAM DE LIVROS COLORIDOS

Para os educadores do contexto desta investigação, livros bons são os livros com ilustrações coloridas e conhecidas. Quando questionados sobre os critérios de escolha elencam:

As ilustrações são o que mais chamam a atenção das crianças.
É necessário que tenham cores que eles reconheçam, com desenhos claros e de fácil compreensão.
Os pequeninos gostam mesmo é de livros *pop-ups*, com sons, texturas e formas.

Declarações presentes nas conversas dos educadores e da equipe gestora, percebe-se que são estas características que adotam na hora de realizar a adoção dos paradidáticos.

Então, por que um livro com ilustrações bem elaboradas não pode ser oferecido às crianças, para que elas também entrem em contato com a beleza da língua através das imagens? Por muitas vezes, os professores adotam para leitura, textos com ilustrações bem simples, com desenhos que representam os personagens que eles encontram na mídia, com imagens chapadas, quase como um carimbo do que se deve oferecer à criança. Para muitos, quanto menor a criança, mais ela corre o risco de ter acesso apenas a esse tipo de livros, que foram escolhidos baseados na ideia de que oferecemos às crianças somente aquilo que ela já conhece e daquilo que elas gostam.

Mas, como gostar daquilo que não se conhece? Este é um equívoco frequente ocorrido nas escolas e com diferentes tipos de professores: não é importante partir daquilo que a criança sabe e se interessa? Claro que sim, mas para que ela conheça e faça as suas escolhas, precisa ser oferecida outras possibilidades para ir além do que já faz parte do seu repertório.

7.6 LER E CONVERSAR NÃO SÃO SUFICIENTES: HÁ A NECESSIDADE DE REALIZAR UMA ATIVIDADE DEPOIS DE LER

Quem já presenciou a solicitação de um desenho sobre a história lida ou ouvida?

Muitos educadores acreditam que a história somente será compreendida se for solicitada uma atividade após a leitura. Quando são questionados sobre o porquê da solicitação, após a finalização da contação de histórias ou da leitura mediada, não apresentam a resposta de

imediatamente. Para muitos, se não houver algo tangível, após realizar uma contação de história ou uma leitura, ela não terá valor pedagógico.

Muitos ficam indignados quando questionados sobre qual o objetivo do desenho ou uma avaliação após a história ter sido apresentada. E respondem que a representação através do desenho é como avaliam a compreensão da história. Certamente o desenho deve estar presente no cotidiano dos educandos da Educação Infantil, pode ser uma atividade permanente para que o educador acompanhe a evolução do aprendizado da sua turma.

Muitas vezes, antes de propor uma atividade é necessário colocar-se no lugar dos educandos, ou seja, deve-se perguntar se gostariam de ilustrar uma palestra na qual participasse como ouvintes. Ou ainda, após uma reunião pedagógica, ao invés de uma ata, fosse solicitado que se desenhasse o que ficou registrado.

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1997, p. 49)

Muitos educadores não aceitam a discussão, o processo oral como devolutivo de um processo de aprendizagem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam a necessidade de trabalhar a oralidade.

7.7 A ESCOLHA DO LIVRO DEVE SER RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR

Há certo costume entre os professores de sentirem que é seu dever escolher os títulos dos livros adotados, pode ser por opção ou porque os gestores das instituições assim decidem. Por isso, logo no início do ano os pais já recebem, juntamente com a relação de materiais, a lista dos livros. Deve-se salientar que os educandos também devem participar das escolhas, pois eles sabem o que gostam e o que não gostam e podem partilhar seus gostos como ouvintes.

A intenção pedagógica para crianças pequenas deve promover o encantamento pelo momento de contação de histórias e fazer com que conheçam e apreciem diferentes gêneros literários, de diversos autores e estilos.

8 O PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Esta pesquisa utilizou por uma abordagem qualitativa, uma vez que considerou as escolhas de histórias, diálogos, a visão da cotação de histórias e o envolvimento das professoras que participaram dessa investigação. A pergunta que orientou este trabalho foi em que medida a cotação de histórias contribuiu para despertar o interesse pelo ouvir as histórias?

Para a pesquisa foi realizada uma entrevista com duas professoras, a entrevista implica em unir informações para coletar os dados da pesquisa. Para Trivinhos (1987, p. 152), ela “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”.

Conforme Manzini (2003), para estruturar as entrevistas é necessário: questões relacionadas ao planejamento da coleta de informações. Questões sobre variáveis que afetam os dados de coleta e futura análise. Questões que se referem ao tratamento e análise de informações advindas de entrevistas.

Manzini (1991, p. 154) ressalta que:

[...] a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...], esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A entrevista direciona e limita o entrevistado a responder o que interessa ao pesquisador. Para Manzini (2003, p. 151) há quatro categorias de questionamentos usadas para coletar os dados:

- 1 - Perguntas denominadas consequências;
- 2 - perguntas avaliativas, do tipo, “como julga a resposta da vizinhança ao convite para participar da organização de uma cooperativa?”;
- 3 - questões hipotéticas, como, “se você observasse que seus alunos brigam frequentemente entre si, qual seria seu comportamento como professor?”;
- 4 - perguntas categoriais, se você observasse as respostas de seus vizinhos frente à possibilidade de organização de uma cooperativa, em quantos grupos nós poderíamos classificá-los.

De acordo com Manzini (2003), ao montar a entrevista o pesquisador deve utilizar a linguagem; a forma das perguntas; de modo adequado, de modo claro e objetivo para não causar dúvidas e conseguir coletar o máximo de informações.

Além da entrevista, usou-se a observação por ser considerada uma técnica de pesquisa qualitativa. A observação se faz presente desde a formulação do problema, até a finalização das análises.

A observação pode ser considerada como uma técnica onde são colhidas as impressões e os registros acerca de um determinado fenômeno observado, através de um contato direto com as pessoas observadas ou através de instrumentos que auxiliam o processo de observação, para colher dados suficientes para a realização da pesquisa (MANZINI, 2003).

8.1 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA

Houve a permissão por escrito dos professores, dos gestores e dos responsáveis. Em um primeiro momento, a pesquisadora solicitou autorização ao coordenador e ao diretor da escola municipal de Santo André. A autorização foi cedida pelos gestores e pelas professoras das turmas. Em um segundo momento, por meio de documentações, uma de próprio punho, que foi direcionado à Secretaria Municipal de Educação de Santo André (SME), e outra já impressa, onde constavam os objetivos dos procedimentos metodológicos da dissertação e da pesquisa.

Assim sendo, todos os envolvidos assinaram o termo de consentimento e a autorização de divulgação dos dados coletados, que se encontram nos apêndices. Após quinze dias, a Secretária de Educação de Santo André autorizou a entrevista, entrou-se em contato com a equipe gestora da Unidade Escolar e com as professoras que participaram das contações de histórias como mediadoras.

Foi entregue aos participantes um termo de consentimento de divulgação dos dados pesquisados e da própria participação. Para os educandos, por serem menores, foi entregue o termo de consentimento para assinatura e permissão dos pais ou responsáveis. Os participantes da pesquisa foram crianças entre 3 a 5 anos e as professoras das turmas. A contação de histórias, realizada, no ano de 2019, de forma presencial com agendamentos prévios pelas equipes gestoras e, no ano de 2020, de forma interativa, feitas por meio de plataformas e com agendamentos prévios, potencializou o uso de recursos simbólicos quando os participantes fizeram referências às suas experiências cotidianas permeadas por afetividade – o que, conseqüentemente, desencadeou a expansão dos processos imaginativos utilizados nas narrações, nas dramatizações e nas artes plásticas.

Em uma visita dos contadores de histórias foi realizada a explanação de um texto da escritora Clarice Lispector com o título: *Dozes lendas brasileiras*. No decorrer da explanação das lendas, os educandos foram identificando cada uma delas e verbalizando onde moram as personagens presentes nas lendas. Contaram que a avó tem um saci preso em uma garrafa. Que o lobo mal aparece em noites de lua cheia. Que o canto do Uiapuru era ouvido por todos e foram

além, disseram que o canto da Yara era ouvido pelos moradores atraindo os homens para os riachos. Em outro momento foi apresentada a história: *A verdadeira história da Chapeuzinho Vermelho*. Para esta pesquisa foram utilizadas gravações dos participantes, assim sendo há a fidelidade no momento da transcrição. Foi feito o registro através de conversa com oito educandos da rede pública de Santo André que serviram de amostragem, assim como os questionários para as duas professoras sendo uma da rede pública e a outra da rede particular (como segundo cargo).

O ambiente pesquisado é uma escola da rede municipal, situada no município de Santo André (SP). O critério de escolha deu-se pela facilidade que a pesquisadora possui em participar como convidada das ações pedagógicas da escola. O acesso às entrevistas e às intervenções foi facilitado. As entrevistas seguiram o modelo semiestruturadas conforme discorrido na metodologia apresentada. Houve a permissão dos participantes envolvidos que são: os professores, os membros da gestão e dos responsáveis pelas crianças. As entrevistas foram elaboradas com sete perguntas e foram registradas através de gravação de áudios.

A primeira entrevistada ocorreu com a Daniela, 41 anos, é educadora da rede municipal de ensino há sete anos e atua na Educação Infantil, sua formação é em Letras e Pedagogia e atualmente cursa Artes Visuais com o intuito de aprimorar mais a sua prática pedagógica. É pós-graduada em Educação Inclusiva, Letramento e Alfabetização, tem especialização em alfabetização e artes plásticas, desenvolve o seu trabalho com crianças de cinco anos. Na sua turma, há dois educandos com necessidades especiais, que participam das atividades com a sua turma e participa do Centro de Atendimento Especializado Educacional, o CADE, onde há um atendimento com planos educacionais diferenciados para cada educando estimulando o desenvolvimento através de atividades que envolvem jogos e atividades lúdicas.

A segunda professora entrevistada é Marion e possui as seguintes formações: Pedagogia e Letras, com especialização em Psicopedagogia. Ingressou na rede municipal de Santo André, desde maio de 2007, sempre ministrou aulas para as turmas da Educação Infantil. Afirma que gosta muito de ler e dramatizar histórias para as crianças.

Nos momentos das contações de história, foi destinado um lugar para que eu observasse o ambiente e os participantes. Assim sendo, foi possível observar as fisionomias e as expressões desencadeadas pelas narrativas, a postura e ações do professor contador das histórias. A curiosidade inicial despertada pela presença de outra pessoa desapareceu assim que a contadora de histórias iniciou a canção introdutória no momento de preparação a contação de histórias. Nesses encontros foram observados e anotados como ocorreu o momento registrando as ações e atitudes desenvolvidas pelos participantes, ou seja, as referências da observação.

8.2 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E DAS ENTREVISTAS

Além da observação, há duas entrevistas feitas com educadoras para analisar suas reflexões sobre a contação de história. A primeira pergunta analisa como as educadoras realizam a contação e quais suportes utilizam.

Marion: Sim, com o livro faço questão de falar sobre quem escreveu e sobre quem ilustrou. Inclusive mostro as fotos que acompanham o livro. Eles precisam saber que as histórias não surgiram do nada. Que alguém as produziu.

Dani: Dependendo da ocasião, visto uma roupa diferente, normalmente colorida, quando não utilize objetos. Mas , quando utiliza objetos, muitas vezes são descaracterizados, por exemplo: uma garrafa pode representar um personagem, uma bola outro personagem, um pedaço de madeira pode representar uma casa, um graveto com folhas, representando uma árvore depende muito da história escolhida. Algumas vezes me caracterizo de personagens, depende do momento.

De acordo com as respostas, as educadoras usam o livro para mostrar o autor, o ilustrador. Utilizam também objetivos para deixar a contação de histórias mais interessante e despertar a curiosidade das crianças. Na figura 1, a educadora mostra o livro às crianças, enquanto tece esclarecimentos em relação à autora e à história.

Figura 1– O livro e a contação de histórias



Fonte: Acervo da EMEIF Luiz Gonzaga

A contadora apresentou a história do livro: *A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho* e, após a contação, apresentou para os educandos os episódios que desejavam ver. Segundo Machado (2004, p. 37), a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

Além do livro as educadoras salientam que:

Dani: [...] Já utilizei nas contações tecidos com dobradura e canetas. Não há limitações para a imaginação! Usei o violão para terminar com alguma musiquinha relacionada a história. Os recursos visuais prendem a atenção das crianças e estimulam a imaginação. No caso dos recursos não estruturados, acredito que estimulam muito mais.

Marion: O momento da contação de histórias deve ser bem diversificado. Em algumas histórias eu me visto a caráter, em outras faço uso de fantoches, em outro uso instrumentos musicais, inclusive estou matriculada em uma escola de música para poder incrementar algumas histórias com música.

As educadoras ressaltam a importância de diversificar os recursos visuais para chamar a atenção das crianças. Além de objetos, elas mesclam o uso de fantoches, músicas, instrumentos musicais. Para Machado (2004, p.113), a valorização da contação por meio da apresentação de outros objetos é importante para “[...] ampliar as possibilidades de escuta e aprendizagem dos alunos”.

A figura 2 mostra o momento da contação, todas as crianças juntas, interagindo com a professora e a história.

Figura 2 – Momento convivência



Fonte: Acervo da EMEIF Luiz Gonzaga

De acordo com Vygotsky (1999, p.117-118) o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

Em relação ao objetivo das contações, a educadora afirma que:

Dani: A princípio o meu objetivo com as crianças é o gosto pelos livros e pelas histórias, ou seja, pela leitura e deixar os apaixonados por essa magia que os livros proporcionam. Vi sei que a leitura também é bonita cada vez mais a qualidade da fala escrita, além de estimular a imaginação e a criatividade. [...] As histórias contadas com certeza disparam outras ações pedagógicas, pois ampliam alguns conceitos, proporcionam ricas rodas de conversas, sobre diversos temas, da margem até para desenvolvermos projetos e estudos.

A contação de história, presente na Educação Infantil, tem o objetivo de despertar o gosto pela leitura, mas não só, atrelado há outros objetivos e ações pedagógicas possibilitam o desenvolvimento de habilidades cognitivas. A criança por meio da narração pode expressar-se e utilizá-la como instrumento de comunicação.

Sobre a diferença entre a leitura e a contação, a educadora afirma que:

Marion: Ah... são momentos bem distintos. No momento em que você lê o livro mostrando que as histórias podem também ser escritas para serem recontadas e que eles podem retornar ao livro quantas vezes desejarem. Já no momento da contação de histórias, você irá encenar. Você irá gesticular. Irá colocar na sua em face de mensagem que você quer que eles entendam que eles recebam. São dois momentos muito importantes para os educandos, pois é quando eles deixam a imaginação fluir.

Para a educadora os momentos entre leitura e contação são distintos e ambos realizados na escola. Na leitura, o livro é o recurso visual utilizado, a professora lê e mostra as páginas para as crianças. Na contação, o livro não é lido, a história é narrada pela educadora, podendo sofrer alterações, conforme a necessidade por ela percebida.

A figura 3 mostra a sala de leitura e contação, o ambiente está preparado para aconchegar e permitir que as crianças ouçam a história.

Figura 3 – Aconchego



Fonte: Acervo da EMEIF Luiz Gonzaga

Através da contação de histórias há a intenção de promover ideias e atitudes que contemplem a formação de posturas e habilidades, colaborando significativamente para a sua formação pessoal, levando cada um a constituir um ser social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo geral investigar se as contações de histórias contribuíram para o processo de aprendizagem dos educandos da Educação Infantil, no município de Santo André/SP, a fim de indicar questionamentos teóricos e práticos acerca da utilização desse instrumento como uma forma diversa de inserir o educando como protagonista em seu processo de aprendizagem. Conclui-se que por meio da bibliografia e das entrevistas as histórias são aplicadas pelos educadores dentro da sala de aula ou em um espaço propício para o momento, de forma planejada.

As educadoras participantes, deste estudo, afirmam que as histórias são excelentes instrumentos disparadores de aprendizagem, admitem ser necessário planejamento, alegam que, se bem planejadas, o educando pode identificar habilidades de aprendizagens, focando objetivos mais precisos e alcançáveis.

Observa-se que as histórias utilizadas em sala de aula, como momento de deleite, provocam nos educandos maior atenção e concentração, além de ser uma atividade lúdica, que concede a participação deles, mesmo sendo de um jeito inconsciente. Algumas práticas no ambiente escolar estão direcionadas à aprendizagem da língua materna ou estrangeira, mas não conseguem criar momentos de aprendizagem inventivos e inovadores.

O educando se empenha mais e cria uma expectativa para conhecer, para verificar a história na aquisição do empréstimo de livros, quando ele é indicado pelo contador de histórias ou quando o educador se apropria dele para realizar a leitura. Diante desses momentos, o educando sente a necessidade de pegar o livro para levar para casa e mostrar para as pessoas próximas a ele a história que o educador contou, para poder realizar as suas explorações, adotando uma postura de leitor, mesmo não sabendo ler convencionalmente, procura o livro e faz a sua verificação por meio das ilustrações. Portanto é de suma importância que a unidade escolar mantenha um acervo de livros indiferente da idade dos seus educandos.

Afirma-se que o educando aprecia muito das histórias, sejam elas em sua forma de objeto físico ou através da contação de histórias. O problema é que, se não for realizada com prazer e dedicação, tanto quanto outra estratégia perde a sua função de deleite ou mesmo a função literária.

Há a necessidade do planejamento das leituras, para que o educador, enquanto orientador de leituras, tenha um bom desempenho enquanto conta ou lê, necessitando conhecer a história, planejar ações pedagógico-literárias para despertar o interesse nos educandos a apreciação e valorização dos livros, suas histórias e seus autores. Conforme o contador de

histórias, que se articula para ter a atenção dos educandos, para despertar o gosto de ouvir e futuramente ler.

Relacionado às estratégias de utilização de histórias e suas técnicas de apresentação por ambos os educadores, percebe-se que a contação de histórias é uma ação que faz parte da rotina, porém não faz parte das atividades da unidade escolar, ou seja, não é algo que é exigido e verificado pela assistente pedagógica (coordenadora) ou pela direção. São ações apartadas que ocorrem com frequência com essas duas educadoras. Outros educadores alegam que não contam histórias, pois não são artistas de teatros ou ainda que o valor do salário não admita a compra de livros ou de materiais para elaborarem contações de histórias. Já as educadoras que participaram da pesquisa disseram que se a atividade for planejada e repassada para a equipe gestora o que precisará para desenvolver a contação de histórias há verba para a aquisição. Mas, não podemos deixar de ressaltar que o mais importante da contação de histórias é o ser humano.

Outro dado relevante na observação é a importância da atenção e pesquisa na escolha dos livros, dando preferência a conteúdos que priorizem maior efetividade com a estética, descartando aqueles que não apresentam enredo ou os que resumem ou ainda aqueles que fornecem ideias prontas.

A formação dos educadores apresenta falhas, observadas na demonstração de trabalho em equipe, já que as leituras e as apresentações derivam do interesse de cada um, isoladamente, não há integração. Ou seja, não desenvolvem projetos em parcerias. Muitos alegam falta de tempo, que o assunto não pertence ao conteúdo de sua turma, assim não é possível desenvolver a interdisciplinaridade, sendo que cada educador apresenta diferentes atividades, levando a um mesmo objeto. E percebe-se também, falha pela equipe gestora, que estão sempre em reuniões formativas, mas que não compartilham com o grupo de professores, muitas vezes, por causa das demandas administrativas.

A relevância deste estudo também foi investigar e indicar que para que as contações de histórias aconteçam e tenham significados para os educandos, os educadores precisam contribuir para a significação da reflexão das práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ALENCAR, J. de. As ilustrações na literatura infantil: da alma das imagens à alma dos leitores. In: GÓES, L. P.; ALENCAR, J. de (Org.). **Alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009.

AMARILHA, Marly. **Imagens sim, palavras não**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ANTUNES, Celso. **O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Paulus, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. São Paulo: Editora Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. Magia, técnica, arte e política. In: **Obras Escolhidas**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação. **Base nacional comum curricular (2017)**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. **Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares**. Brasília, DF: MEC/SEF/SEESP, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da Escola, formando novos leitores**. 2ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CARVALHO, Mauro. **Ler antes de saber ler**. Oito mitos escolares sobre a literatura literária. São Paulo: Panda Books, 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

COLASANTI, Marina. Entrevista cedida ao jornal Radar (2016). Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/2016/11/entrevista-para-radar-da-educacao.html> Acesso em: 1 maio. 2021.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral. **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: Autores associados, 2005 (Coleção polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 9ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais**. Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

PAVIS. Patrice. Do texto para o palco: um parto difícil. In: PAVIS. Patrice. **O teatro no cruzamento de culturas**. Tradução de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003.

PERDEÇAME, Ellen. **Fotografia documental**: a arte do olhar atento, 2016. Disponível em: [http://obviusmag.org/brincando com letras/2016/fotografia-documental-a-arte-de-um-olhar-atento.html](http://obviusmag.org/brincando_com_letras/2016/fotografia-documental-a-arte-de-um-olhar-atento.html) Acesso em 24. dez. 2020.

PIAGET, Jean. **A noção do tempo na criança**. Tradução Rubens Fiúza. 2ed. Rio de Janeiro: Recorde, 2002.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIZZOLI, M. C. Leitura com letras e sem letras na Educação Infantil no norte da Itália. In: FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. (Orgs.). **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 5-22.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3ed. São Paulo: Ática, 2004.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez. 1983.

SILVA, Maurício. **Educação e literatura**: ensaios sobre leitura literária e ensino de literatura. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias**. São Paulo: Aletria, 2012.

TRIVIÑOS, Antônio. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: a prática reflexiva. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Levy. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Trad. Claudia Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças - para conhecer a Literatura Infantil brasileira:** histórias, autores e textos. São Paulo: Global Editora, 1988.

APÊNDICE A – 1ª Entrevista

1ª professora entrevistada: Dani da rede municipal de ensino de Santo André

1) Pesquisadora: Para você existe alguma diferença entre ler a história utilizando o livro como suporte ou contar a mesma história de memória?

2) Você utiliza algum objeto ou vários objetos no momento da contação de histórias? Em caso positivo qual você utiliza?

Dani: Dependendo da ocasião, visto uma roupa diferente, normalmente colorida, quando não utilize objetos. Mas, quando utiliza objetos, muitas vezes são descaracterizados, por exemplo: uma garrafa pode representar um personagem, uma bola outro personagem, um pedaço de madeira pode representar uma casa, um graveto com folhas, representando uma árvore depende muito da história escolhida. Algumas vezes me caracterizo de personagens, depende do momento.

3) Pesquisadora: Você já utiliza algum outro material no lugar do livro para contar as suas histórias?

Dani: Sim, muitas vezes. Já utilizei nas contações tecidos com dobradura e canetas. Não há limitações para a imaginação!

4) Pesquisadora: E instrumentos musicais você costuma utilizar nas suas apresentações?

Dani: Sim, usei o violão para terminar com alguma musiquinha relacionada a história.

5) Pesquisadora: O que motiva a utilizar objetos?

Dani: Os recursos visuais prendem a atenção das crianças e estimulam a imaginação. No caso dos recursos não estruturados, acredito que estimulam muito mais.

6) Pesquisadora: Você escolhe as histórias para serem lidas ou contadas por algum motivo ou objetivo?

Dani: A princípio o meu objetivo com as crianças é o gosto pelos livros e pelas histórias, ou seja, pela leitura e deixar os apaixonados por essa magia que os livros proporcionam, vi sei que a leitura também é bonita cada vez mais a qualidade da fala escrita, além de estimular a imaginação e a criatividade.

7) Pesquisadora: As histórias contadas têm como objeto disparador outras ações pedagógicas?

Dani: Sim. As histórias contadas com certeza disparam outras ações pedagógicas, pois ampliam alguns conceitos, proporcionam ricas rodas de conversas, sobre diversos temas, da margem até para desenvolvermos projetos e estudos.

APÊNDICE B – 2ª Entrevista

2ª professora entrevistada: Marion da Rede Municipal de Ensino de Santo André.

1) Pesquisadora: Para você existe alguma diferença entre ler a história utilizando o livro como suporte ou contar a mesma história de memória?

Marion: Sim, com o livro faço questão de falar sobre quem escreveu e sobre quem ilustrou. Inclusive mostro as fotos que acompanham o livro. Eles precisam saber que as histórias não surgiram do nada. Que alguém as produziu.

2) Pesquisadora: Você utiliza algum objeto ou vários objetos no momento da contação de histórias? Em caso positivo qual você utiliza?

R.: Marion: Não costumo utilizar. Faço uso da entonação e das feições faciais.

3) Pesquisadora: Você escolhe as histórias para serem lidas ou contadas por algum motivo ou objetivo?

4) Pesquisadora: As histórias contadas têm como objeto disparador outras ações pedagógicas?

5) Pesquisadora: Você tem algum critério para escolher às histórias narradas ou lidas?

Marion: Sim, sempre procuro temas próximos a realidade de.

6) Pesquisadora: Você acredita que o uso das histórias no ambiente escolar desenvolve algum tipo de aprendizagem?

Marion: Sim e muito! E não somente no ambiente escolar. Todo lugar e todo momento são oportunos para contarmos histórias.

7) Pesquisadora: E qual a diferença entre os dois momentos: o momento da leitura e o momento da contação?

Marion: Ah... são momentos bem distintos. No momento em que você lê o livro mostrando que as histórias podem também ser escritas para serem recontadas e que eles podem retornar ao livro quantas vezes desejarem. Já no momento da contação de histórias, você irá encenar. Você irá gesticular. Irá colocar na sua face de mensagem que você quer que eles entendam, que eles recebam. São dois momentos muito importantes para os educandos, pois é quando eles deixam a imaginação fluir.

Pesquisadora: Você utiliza objetos diferenciados na contação de histórias?

Marion: O momento da contação de histórias deve ser bem diversificado. Em algumas histórias eu me visto a caráter, em outras faço uso de fantoches, em outro uso instrumentos musicais, inclusive estou matriculada em uma escola de música para poder incrementar algumas histórias com música.